

Considerações fonético-fonológicas preliminares da
'Língua-de-santo' e da 'Língua-da-gente-de-santo' em
Terreiros de Candomblé de Rio Branco – AC
*Considerations preliminary phonetic-phonological
'Language-of-saint' and 'Language-of-the-holy people' in Yards of
Candomblé Rio Branco - AC*

Océlio Lima de Oliveira
Universidade Federal de Rondônia (UNIR),
Brasil
ocelioo@bol.com.br

Catherine Bárbara Kempf
Universidade Federal de Rondônia (UNIR),
Brasil
itamoc@bol.com.br

Shelton Lima de Souza
Universidade Federal do Acre (UFAC), Brasil
shelton_unb@yahoo.com.br

Resumo: O presente artigo tem por finalidade fazer uma descrição fonético-fonológica preliminar da 'língua-de-santo' e da 'língua-da-gente-de-santo' (PESSOA DE CASTRO, 1968a e 1968b; 1977; 1980; 1983) faladas em um terreiro de candomblé na cidade de Rio Branco – AC. Inicialmente, foi feito um levantamento geral dos principais fones usados por adeptos do candomblé em três canções oferecidas ao orixá EXU e em itens lexicais usados pelos adeptos em situações corriqueiras do terreiro. Posteriormente ao levantamento dos fones, analisou-se a ocorrência desses pares de fones, particularmente os foneticamente semelhantes, para se verificar o *status* fonêmico,

tendo como base os pressupostos teórico-metodológicos da fonêmica estruturalista (PIKE, 1947). A partir da análise fonético-fonológica geral, verificou-se que a 'língua-de-santo' e a 'língua-da- gente-de-santo' têm o repertório fonético e características fonêmicas similares ao do português brasileiro analisado por Mattoso Câmara Jr. (2008) e Cristófaros-Silva (2007).

Palavras-chave: fonologia; candomblé; fonética

Abstract: This article aims to give a description of preliminary phonetic-phonological 'tongue-in-holy' and 'tongue-in-us-de-santo' (PESSOA DE CASTRO, 1968a and 1968b, 1977, 1980, 1983) spoken in a yard of candomblé in the city of Rio Branco - AC. Initially, he was made a general survey of the main headphones worn by followers of Candomblé in three songs offered to the orisha EXU and lexical items used in everyday situations by supporters of the yard. Subsequently the survey of headphones, we analyzed the occurrence of these pairs of headphones, particularly the phonetically similar to check the *status* phonemic, based on the theoretical and methodological assumptions of structuralist phonemic (PIKE, 1947). From the analysis of phonetic-phonological general, it was found that the 'tongue-in-holy' and 'tongue-in-saint-people' have the repertoire phonetic and phonemic characteristics similar to Brazilian Portuguese analyzed by Mattoso Jr . (2008) and Cristófaros-Silva (2007).

Keywords: phonology; candomblé; phonetic

1 Introdução

Poucos são os trabalhos que analisam as características linguísticas das variedades do português brasileiro faladas em terreiros de candomblé. Algumas pesquisas, geralmente no campo das ciências sociais, visam a descrever/analisar os aspectos históricos/sociais/culturais das populações negras que se concentram em terreiros de candomblé espalhados pelo Brasil, contendo uma quantidade considerável de trabalhos sobre os candomblés da Bahia, do Rio de Janeiro e do Maranhão. No que concerne ao campo linguístico, ainda há um número reduzido de estudos: destaque pode ser dado aos trabalhos de Castilho (2008), Pessoa de Castro (1968a e 1968b; 1977; 1980; 1983), Petter (2007 e 2008), Póvoas (1989), entre outros.

No que diz respeito ao candomblé acriano, não se pode falar em um número considerável de estudos – nem mesmo etnográficos, históricos etc. –, sobre as variedades linguísticas faladas por adeptos do candomblé nas atividades corriqueiras de terreiros, tampouco em cultos, rezas e oferendas desenvolvidos durante as atividades religiosas.

Para se analisar os componentes linguísticos encontrados em terreiros de candomblé, primeiramente faz-se necessário caracterizar um terreiro como um lugar que possui características de fala diferentes de outros ambientes linguísticos. Partindo desse pressuposto, este trabalho centrar-se-á na definição de comunidade de fala usada por Burke:

A noção de “comunidade de fala” tem sido criticada – o mesmo ocorrendo com outras noções de comunidade – por pressupor um consenso social e ignorar o conflito e a subordinação. Sem dúvida, seria errado ignorar o conflito linguístico e social, mas a rejeição da ideia de comunidade certamente vai longe demais. Afinal, solidariedade e conflito são lados opostos da mesma moeda. Os grupos se definem e forjam solidariedades ao longo do conflito com outros (...). Daí o fato de a validade dessa crítica à ideia de “comunidade de fala” depender da maneira pela qual o conceito é usado. Nestas páginas, ele será empregado tanto para descrever traços comuns do falar quanto para fazer referência à identificação individual ou de um grupo com formas de falar específicas, sem que se pressuponha a ausência de conflitos, linguísticos ou de outro tipo, ou a sobreposição entre uma comunidade definida em termos linguísticos e as comunidades sociais ou religiosas a serem encontradas na mesma região (Burke, 1995, p. 18).

Para o autor, existem diversos elementos que devem ser considerados em uma pesquisa científica. Portanto, para alguns pesquisadores, principalmente aqueles que não aderem aos princípios da ciência cartesiana¹, o termo ‘comunidade de fala’ desconsidera fatores sociais/históricos/culturais na

¹A pesquisa cartesiana, ou o formalismo científico no campo da linguagem, se deu, primeiramente, com Ferdinand de Saussure, culminando no surgimento de sua obra póstuma, publicada originalmente em francês, Curso de Linguística Geral. Na segunda metade do séc. XX, Noam Chomsky consolida a prática cartesiana na análise linguística ao propor a urgência de se descrever as funções de uma gramática universal, componente inicial de uma faculdade da linguagem – própria da espécie humana –, cuja independência é total em relação a fatores

pesquisa linguística. Discordando dessa posição, Burke afirma que o conceito de comunidade de fala é extremamente importante, pois, além de possuir diversos significados que são definidos pelo objeto pesquisado, caracteriza espaços linguísticos independentes. Indo mais além, Burke afirma que os sociolinguistas inseriram em suas análises componentes analíticos importantes, até então não incorporados “à prática” de historiadores sociais, como os que se seguem abaixo:

1. Grupos sociais diferentes usam variedades diferentes de língua;
2. Os mesmos indivíduos empregam variedades diferentes de língua em situações diferentes;
3. A língua reflete a sociedade ou a cultura na qual é usada;
4. A língua molda a sociedade na qual é usada.

A partir da definição de comunidade de fala de Burke e suas considerações sobre aspectos analíticos, até então não levados em conta por alguns pesquisadores, entende-se que os terreiros de candomblé são comunidades de fala e que, portanto, há um conjunto de elementos linguísticos que as caracteriza independentemente de outras comunidades linguísticas existentes em território brasileiro. Segundo Póvoas,

ambientais. Assim, Chomsky define, a partir de Descartes, como é considerado o seu objeto de pesquisa: “Embora Descartes faça apenas escassas referências à linguagem em suas obras, certas observações sobre a natureza da linguagem desempenham papel significativo na formulação de sua concepção geral. No curso de seu estudo, cuidadoso e intensivo, dos limites da explicação mecânica, que o levou além da Física à Fisiologia e à Psicologia, Descartes convenceu-se de que todos os aspectos do comportamento animal podem ser explicados com base na suposição de que o animal é um autômato (...) Mas chegou à conclusão de que o homem possui faculdades exclusivas, que não podem ser explicadas em bases puramente mecanicistas, embora em larga extensão seja possível dar uma explicação mecanicista do funcionamento e do comportamento corporais humanos. A diferença essencial entre o homem e o animal revela-se de modo mais claro na linguagem humana, em particular na capacidade humana de formar novas proposições, que exprimem novos pensamentos, apropriados a novas situações (CHOMSKY, 1972, p. 13).

“Face às convenções do grupo social que a adota, a língua apresenta variações de nível para nível, conforme as classes dos falantes, sua condição econômica, papel a desempenhar, grau de escolaridade, local de habitação, para citar os principais fatores. Assim ocorre em um terreiro de candomblé, por menor que seja, cuja confraria se fundamenta, principalmente, na hierarquia de cargos religiosos. Mesmo aparentando-se como uma sociedade simples, no que diz respeito à estrutura econômica e política, um terreiro caracteriza-se como complexo, quando examinado sob a ótica da hierarquia religiosa, dos papéis a serem desempenhados, fatores que determinam o vocabulário, o conhecimento e o domínio da língua do candomblé” (PÓVOAS, 1989, p. 5).

O autor complementa:

“(o terreiro de candomblé) é uma sociedade, até certo ponto, autônoma que se julga possuir uma língua própria e particular, mas está encravado num contexto mais amplo, a sociedade brasileira. Apesar de toda uma forte subjacência africana, o terreiro estabelece verdadeira interação linguística com a comunidade local” (PÓVOAS, *op. cit.*, p. 5).

As considerações de Burke e de Póvoas se complementam no que condiz à caracterização de um terreiro de candomblé ser passível de uma análise linguística, por se constituir em um ambiente de fala independente de outros linguisticamente constituídos.

Tendo como perspectiva a ‘independência’ linguística dos terreiros de candomblé, analisando-os como comunidades de fala e que, portanto, a(s) variedade(s) linguística(s) ali falada(s) possui(em) uma organização – estrutura –, o presente artigo configura-se como um estudo fonético-fonológico preliminar da ‘Língua de Santo’ e da ‘Língua do Povo de Santo’ em um terreiro de Candomblé de Rio Branco – AC, precisamente no terreiro Ilé Axé Sesilé (Casa do Ninho do Pombo de Oxalá).

2 A ‘língua-de-santo’ e a ‘língua-da-gente-de-santo’

Apesar de não haver nenhuma língua africana falada atualmente em território brasileiro, várias são as contribuições das línguas africanas na constituição do português brasileiro (PETTER, 2008). Segundo Pessoa de Castro (1983), o tráfico negreiro, do século XVI ao século XIX, trouxe ao Brasil quatro a cinco milhões de africanos – com línguas e características culturais diferentes uns dos outros – originários, principalmente, de duas regiões da África subsaariana: “a região banto, situada ao longo da extensão sul da linha do equador, e a região oeste-africana ou ‘sudanesa’, que abrange territórios que vão do Senegal à Nigéria” (PESSOA DE CASTRO, *op. cit.* p. 3).

Com uma quantidade considerável de línguas africanas convivendo junto ao português dos senhores de escravos, a tendência era haver uma interrelação entre as línguas, haja vista que o ambiente era de contato entre línguas (WEINREICH, 1957). Como no Brasil houve uma situação sociolinguística onde prevaleceu o português como língua majoritária da maioria da população (BORTONI-RICARDO, 2011), algumas características das línguas africanas se incorporaram ao português brasileiro, principalmente no campo lexical, mas com o passar dos anos, se reduziram a vestígios linguísticos concentrados, na sua maioria, em cerimônias religiosas de origem africana, como o candomblé², ou no vocabulário dos adeptos dessa religião.

Os vestígios de línguas africanas usados nos rituais candomblecistas e a fala dos adeptos do candomblé em situações referentes às práticas religiosas – principalmente, os atos de fala no terreiro, por exemplo – são intitulados por Pessoa de Castro (1968 e 1983) de língua-de-santo e língua-da-gente-de-santo, respectivamente. A autora assim caracteriza língua-de-santo:

Esse repertório linguístico, genericamente chamado de *língua-de-santo* (grifo da autora) na Bahia, compreende uma terminologia religiosa operacional, de caráter mágico semântico e de aparente forma portuguesa, mas que repousa sobre sistemas lexicais de diferentes línguas africanas que provavelmente foram faladas no Brasil durante a escravidão, vindo a constituir uma língua ritual, mítica, que se acredita pertencer à nação do vodum, do orixá ou do inquice e não a determinada nação africana política atual (PESSOA DE CASTRO, *op. cit.*, p. 84).

²Outras religiões afro-brasileiras apresentam, também, um léxico litúrgico permeado por termos africanos, como a Umbanda e o Santo Daime. Nesse trabalho, somente serão analisados os termos africanos do candomblé acriano.

Para a autora, a ‘língua-de-santo’ se constitui como variedade linguística que não pertence a nenhum país africano, mas que tem uma função linguística e extralinguística dentro dos terreiros. Não se trata de uma língua, como quimbundo, por exemplo, mas de uma “língua especial” com função específica. Em relação ao repertório lexical da língua-de-santo, Pessoa de Castro complementa:

São palavras que descrevem a organização sócio-religiosa do grupo, objetos ritualísticos e sagrados, cozinha ritualística, cânticos, saudações e expressões referentes a crenças, costumes específicos, cerimônias e ritos mágicos, todas apoiadas em um tipo consuetudinário de comportamento bem conhecido dos participantes desses cultos por experiência pessoal. Nesse vocabulário, de estrutura ligada a certas formulações simbólicas, não há metáforas, sinonímia precisa, pois cada “palavra-de-santo” é mantida dentro da fidelidade ritual de apelo, da denominação dos referentes (PESSOA DE CASTRO, *op. cit.*, p.85).

Pessoa de Castro (1968, p. 31) afirma que as línguas africanas, além de se reduzirem às ‘línguas-de-santo’, também se concentraram nas falas de adeptos dos cultos candomblecistas, que, apesar de resistirem à interferência do prestígio crescente do português, “tem, com o tempo, dele recebido uma boa influência morfológica e vocabular, notadamente nos candomblés de origem congo-angola(...)”. Apesar dessa influência direta do português nos vestígios de línguas africanas, terreiros de origem iorubá são mais resistentes a mudanças linguísticas. Pessoa de Castro (*op. cit.* p. 32) frisa que na língua-da-gente-de-santo e também na língua-de-santo se encontra um vasto vocabulário da língua fon, chamada no Brasil de Jeje.

Neste trabalho, será considerado que a língua-de-santo e a língua-da-gente-de-santo possuem uma estrutura, pois são faladas em uma comunidade de fala – o terreiro de candomblé. Mesmo as variedades linguísticas citadas não serem consideradas línguas plenas – mas a interrelação de várias línguas –, essa estrutura perpassa os domínios linguísticos que vão do morfossintático ao fonológico.

3 Campo teórico-metodológico

Neste artigo, por se tratar de uma análise fonético-fonológica da ‘língua-de-santo’ e da ‘língua-da-gente-de-santo’, faz-se necessário uma pequena descrição dos componentes teórico-metodológicos aqui usados. Para descrição/análise dos fones e fonemas das variedades linguísticas em questão, será feita referência à análise fonética, fonológica, áreas do que se pode chamar de linguística descritiva.

A fonética é uma área da linguística que descreve e analisa a constituição dos sons da linguagem humana. Por se tratar de um campo com objeto e aspectos metodológicos bem definidos, a fonética é uma área fundamental para se entender como são caracterizados os sons das línguas do mundo, mostrando as possibilidades de articulação do aparelho fonador humano³.

A partir de uma descrição fonética, começa-se a analisar quais desses fones são significativos na língua, ou seja, quais fones são funcionalmente importantes para a organização fonológica do sistema linguístico⁴. Dizer que um fone é funcional, é mostrar suas características distintivas frente a outros fones. Por exemplo: em língua portuguesa, os pares de fones p/m, s/z e k/g distinguem palavras:

- (1) [ˈbɔlə] ‘bola’
[ˈmɔlə] ‘mola’
- (2) [ˈkazɐ] ‘casa’
[ˈkasɐ] ‘caça’

³Segundo Cristófaros-Silva (2007, p. 24), os órgãos que os seres humanos utilizam para a produção de fala não têm como função inicial a produção/articulação de sons. No entanto, ao longo da evolução humana, órgãos que serviam para engolir e mastigar alimentos, além daqueles usados para o processo respiratório, começaram a ser usados para a articulação dos sons que iriam formar, posteriormente, a fala. Cristófaros-Silva afirma que é possível dividir os órgãos do corpo humano, cujo desempenho é fundamental na produção da fala, em três grupos: o sistema respiratório, o sistema fonatório e o sistema articulatório.

⁴Saussure (2006, p. 17) define língua ou sistema linguístico da seguinte forma: ”Mas o que é língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. (...) A língua é um todo por si e um princípio de classificação. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação.”

- (3) [ˈkalu] ‘calo’
[ˈgalu]⁵ ‘galo’

Os exemplos (1), (2) e (3) mostram que os pares de fones [p]/[m], [s]/[z], [k]/[g] são realizações dos fonemas⁶ /p/, /m/, /s/, /z/, /k/, /g/, respectivamente.

- (4) /bɔlə / ‘bola’
/mɔlə / ‘mola’
(5) /kaza / ‘casa’
/kasa / ‘caça’
(6) /kalo / ‘calo’
/galo / ‘galo’

Nos exemplos acima, estão representados entre barras alguns fonemas do português. Percebe-se que alguns fones⁷ como [u] e [ɐ] não aparecem entre barras devido a não terem características distintivas no português. Dessa forma, segundo Câmara Jr. (2008, p. 43), eles são realizações dos fonemas /u/ e /a/, respectivamente. A partir da ocorrência desses fones no português, Câmara Jr. observou que os esses fones só se realizavam em posição átona, como em:

⁵Segundo Maia (2006, p. 80), “um par de vocábulos que só se diferem por um único segmento é classificado de **par mínimo** (grifo do autor)”.

⁶Câmara Jr. (*op. cit.*, p. 198 e 199) afirma que o primeiro estudioso a dar significado à diferença entre campos de som – sons sem uma função específica e sons com características distintivas no sistema linguístico – foi o polonês Jan Baudouin de Courtenay. Câmara Jr. assim se pronuncia: “Courtenay, que era um professor de Linguística na Universidade de São Petersburgo, admitia a distinção entre os sons que eram realmente emitidos e os que os falantes acreditam fazê-lo e os ouvintes julga ouvir: os primeiros se constituem no objeto da investigação da fonética; mas os últimos tinham um conteúdo linguístico, uma vez que é por meio destes sons “pretensamente” emitidos que a comunicação se realiza. Chamou a esses sons “intencionais” de “fonemas” em oposição àqueles emitidos realmente, que são os sons vocais da fonética. (...) Baudouin definia o fonema como “a ideia de um som vocal” e advogava uma análise psicológica a fim de se chegar a ele, partindo do nível da fonética e seus sons vocais. Isto quer dizer que atribuiu o som vocal à física e o fonema à psicologia”.

⁷Convencionalmente neste trabalho, as realizações sonoras dos fonemas serão chamadas de fones.

- (7) ['kadɐ] 'cada'
- (8) ['kalɐ] 'cala'
- (9) ['gatɐ] 'gata'
- (10) ['põtu] 'ponto'
- (11) ['kuhsu] 'curso'
- (12) ['fawsu] 'falso'

Segundo os postulados desenvolvidos por Pike (1947), os fones que são distintivos ocorrem em qualquer posição de um item lexical, não permitindo a interferência de nenhum fator, seja fonético ou de outro caráter linguístico, em sua realização. Para Pike, um critério para identificação de fonemas é analisar se uma determinada realização fonética não é dependente de fatores que condicionam a sua realização, como acontece nos exemplos (7) a (12), onde há um fator condicionante para a realização dos fones [u] e [ɐ] que é a posição átona.

Portanto, a técnica de análise de fonemas se dá pela procura na língua de pares mínimos, como nos exemplos de (1) a (3), pares análogos, exemplos de (7) a (9) e a distribuição dos fones em diversas posições de itens lexicais, sentenças etc., atentando para a ocorrência de fones foneticamente semelhantes em uma mesma situação/posição, percebendo se há ocorrência de mudança de significados entre os itens lexicais analisados. Nos exemplos abaixo, há ocorrências dos fones [p]/[b], [t]/[d], [k]/[g] do português:

- (13) a. ['patɐ]/[ba'ruɫu] 'para' e 'barulho'
- b. [pe'ru]/[a'beɫɐ] 'peru' e 'abelha'
- c. ['peɫɐ]/[is'bɛwtu] 'pela' e 'esbelto'
- d. ['povɔ]/['bɔɫɐ] 'povo' e 'bola'
- e. ['pɔdʒɪ]/['bɔɫɐ] 'pode' e 'bola'
- f. ['pus]/[bu'zĩnɐ] 'pus' e 'buzina'
- g. [pi'haɫu]/['biha] 'pirralho' e 'birra'
- (14) a. ['tapɐ]/['dadu] 'tapa' e 'dado'
- b. ['teɫɐ]/['dedu] 'telha' e 'dedo'
- c. ['tɛtu]/[a'dɛɫu] 'teto' e 'Adélio, nome de pessoa'
- d. ['tolu]/['doh] 'tolo' e 'dor'
- e. ['tɔraksi]/['dɔ] 'tórax' e 'dó'
- f. [tuh'bɛ̃tʃɪ]/[du'rɛ̃tʃɪ] 'turbante' e 'durante'

- (15) a. [kare]/[gaʎu] ‘cara’ e ‘galho’
b. [a'keli]/[getu] ‘aquele’ e ‘gueto’
c. [kɛɾu]/[gɛhɛ] ‘quero’ e ‘guerra’
d. [koru]/[gotɛ] ‘coro’ e ‘gota’
e. [kɔpu]/[a'gɔɾɛ] ‘copo’ e ‘agora’
f. [kubu]/[a'guʎɛ] ‘cubo’ e ‘agulha’
g. [kia'bu]/[agi'nawdu] ‘quiabo’ e ‘Aguinaldo, nome de pessoa’

Observando a ocorrência dos fones [p]/[b], [t]/[d], [k]/[g] junto aos fones vocálicos [a, e, ɛ, o, ɔ, u, i], percebe-se que não há, aparentemente, nenhum fone condicionando a realização dos pares analisados⁸. Portanto, pode-se concluir que os fones [p]/[b] são realizações dos fonemas /p/ e /b/, os fones [t]/[d] são realizações dos fonemas /t/ e /d/ e os fones [k]/[g] são realizações dos fonemas /k/ e /g/⁹.

4 Análise fonético-fonológica da ‘Língua de Santo’ e da ‘Língua do Povo de Santo’ no terreiro Ilé Axé Sesile

Para levantamento de fones e fonemas da ‘língua de santo’ e da ‘língua-dagente-de santo’, seguiram-se os pressupostos da fonêmica (PIKE, 1947), onde há ocorrência dos fones no nível segmental de uma língua para analisar realizações, detectando, dessa forma, possíveis fonemas. Seguindo esse procedimento teórico-metodológico, foram analisadas as canções Canto Bara Vodun/Exu Anã/Exu Tiriri e alguns itens lexicais comuns usados pelos frequentadores do terreiro pesquisado.

⁸A não ser próximo à vogal [i] no caso dos fones [t] e [d] que se palatalizam. A ocorrência dos fones africados [tʃ] e [dʒ] são condicionados pela vogal [i], como pode ser visto nos exemplos [tʃiru] ‘tiro’ e [dʒigu] ‘digo’.

⁹Para esse trabalho, faz-se referência a uma identificação básica de fonemas, pois não é objeto desse artigo a análise fonológica do português. Ao se fazer a análise fonológica de um sistema linguístico, várias ocorrências dos fones são levadas em consideração como: posição silábica, acento, tom (se a língua for tonal como a maioria das línguas africanas) etc. A análise da distribuição de fones foneticamente semelhantes é também chamada de análise distribucionalista.

4.1 Descrição fonética

Nas canções e nos itens lexicais analisados, foram detectados os seguintes fones consonantais e vocálicos, divididos nos modos de articulação oclusivo, africado, fricativo, nasal, vibrante e lateral e nos pontos de articulação bilabial, labiodental, alveolar, alveopalatal, palatal, velar e glotal, para os fones consonantais, e nos graus de altura da língua alto, médio e baixo e nas posições da língua na boca anterior, central e posterior, para os fones vocálicos:

		Bilabial	Labiodental	Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	Surda	p		t		ʃ	k	
	Sonora	b		d		ʒ	g	
Africada	Surda				tʃ			
	Sonora				dʒ			
Fricativa	Surda		f	s				h
	Sonora		v	z				
Nasal		m		n				
Vibrante				r				
Lateral				l				

Quadro 1: Segmentos Consonantais

Ao serem detectados os fones consonantais acima, analisaram-se os que são foneticamente semelhantes:

		Bilabial	Labiodental	Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	Surda	(p)		(t)		(ç)	(k)	
	Sonora	(b)		(d)		(j)	(g)	
Africada	Surda				(tç)			
	Sonora				(dç)			
Fricativa	Surda		(f)	(s)				h
	Sonora		(v)	(z)				
Nasal		m		(n)				
Vibrante				(r)				
Lateral				(l)				

Quadro 2: Pares de fones consonantais foneticamente semelhantes

Foram detectados os fones vocálicos orais e nasais abaixo:

		Anterior	Central	Posterior
Alta		i		u
		ɪ		ʊ
Média	Alta	e		o
	Baixa	ɛ	ɐ	ɔ
Baixa			a	

Quadro 3: Segmentos vocálicos orais

		Anterior	Central	Posterior
Alta				ũ
Média	Alta			õ
	Baixa		ẽ	
Baixa				

Quadro 4: Segmentos vocálicos nasais

No quadro 5, estão apresentados os fones vocálicos foneticamente semelhantes:

		Anterior	Central	Posterior
Alta		i i		u u
Média	Alta	e		o o
	Baixa	ɛ	ɐ ɐ	ɔ ɔ
Baixa			a	

Quadro 5: Pares de fones vocálicos foneticamente semelhantes

4.2 Descrição/análise fonológica

Para a análise dos fonemas da língua, optou-se por considerar a ocorrência dos fones tendo em vista a posição silábica. Esse procedimento é importante para se observar a presença de algum condicionante do fone em questão. Devido a uma pequena quantidade de dados, não foram encontrados os fones em pares mínimos.

Ao lado dos exemplos na ‘língua de santo’ ou da ‘língua-da-gente-de-santo’ há uma explicação do termo dentro da cosmologia candomblecista. Não se trata de glosas, pois os termos possuem afixos, provenientes das línguas africanas que deram origem aos termos, que precisam, em trabalhos posteriores, ser melhor identificados.

4.2.1 Distribuição dos fones consonantais

1. [p] consoante oclusiva bilabial surda:

(16) [¹⁰**pẽ**’nẽ] ’ritual posterior ao de iniciação’

¹⁰Para facilitar a identificação e posição silábica dos fones, eles estarão em negrito.

- (17) [epa'hej] 'saudação à orixá Iansã'
- (18) [pezi'gẽ] 'qualidade de ogã'
- (19) [ipe'te] 'festa para a orixá Oxum'
2. [b] consoante oclusiva bilabial sonora:
- (20) [abe'be] 'leque com espelho usado pelas orixás Oxum e Jemanjá'
- (21) [o'ba] 'orixá guerreira e uma das três esposas de Xangô'
- (22) [obo'rɔ] 'termo que designa todos os orixás masculinos'
- (23) [o'be] 'navalha ou faca'
- (24) [o'bi] 'fruta africana'
3. [t] consoante oclusiva alveolar surda:
- (25) [dɔ'te] 'pai de santo na nação Jeje-Mahi'
- (26) ['tɔ] 'banheiro'
4. [d] consoante oclusiva alveolar sonora:
- (27) [dɔ'ne] 'mãe de santo na nação JejeMahi'
- (28) [ɔ'de] 'o nome do orixá Oxóssi na nação Jeje-Mahi'
- (29) [apo'da] 'qualidade da orixá Oxum'
- (30) [dɔ'bali] 'saudação dos filhos de santo diante dos orixás e de pessoas pertencentes à alta categoria candomblecista – ogã e ekedi'
- (31) [o'du] 'destino dos seres humanos'
- (32) [akodzɪ'de] 'ave sagrada'
5. [ʃ] consoante oclusiva palatal surda:
- (33) [o'fũ] 'orixá das águas doces'
- (34) [ori'ʃa] 'orixá'
- (35) [ʃi're] 'sequência dos cantos para os orixás em um ritual'
- (36) [opaʃo'ro] 'objeto usado pelo orixá Oxalá'
- (37) [ʃewepaba'ba] 'saudação do orixá Oxalá'
- (38) [e'fu] 'orixá mensageiro dos outros orixás'

6. [ʒ] consoante oclusiva palatal sonora:

- (39) [ʒeʒe] ‘uma das nações do candomblé’
 (40) [ogũ'ʒa] ‘qualidade do orixá Ogum’
 (41) [pe'ʒi] ‘assentamento dos orixás’
 (42) [avodũ'ʒo] ‘qualidade do orixá Xangô (?)¹¹’
 (43) [ʒo'ko] ‘ajoelhar-se’
 (44) [agẽ'ʒu] ‘qualidade do orixá Xangô’
 (45) [e'ʒe] ‘sangue’

7. [k] consoante oclusiva velar surda:

- (46) [jakeke're] ‘mãe pequena – segunda pessoa mais importante do terreiro de candomblé’
 (47) [aka'sa] ‘alimento oferecido aos orixás’
 (48) ['kure] ‘cortes feitos no ritual de iniciação de um adepto do candomblé’
 (49) [ʒo'ko] ‘ajoelhar-se’
 (50) [mo'kẽ] ‘colar de palha da costa usado pelos iniciados até o sétimo ano da iniciação’
 (51) [mulu'kũ] ‘iguaria que se oferece à orixá Oxum’

8. [g] consoante oclusiva velar sonora:

- (52) [a'ge] ‘nome do orixá Ossaem na nação Jeje-Mahi’
 (53) [a'go] ‘licença’

9. [tʃ] consoante africada alveopalatal surda:

- (54) [tʃiri'ri] ‘qualidade da entidade exu’

10. [dʒ] consoante africada alveopalatal sonora:

- (55) [a'dʒo]

¹¹O ponto de interrogação entre parênteses será usado para informar incertezas de tradução de itens lexicais.

11. [f] consoante fricativa labiodental surda:

- (56) [o'fa] 'adereço do orixá Oxóssi'
- (57) [o'fũ] '16^o odu de ifá'
- (58) [do'fõnũ] '1^o na hierarquia de um barco – conjunto de pessoas recolhidas que irão iniciar-se no candomblé'

12. [v] consoante fricativa labiodental sonora:

- (59) [avere'kwetʃi] 'nome do orixá Logun Edé na nação Jeje-Mahi'
- (60) [vẽ'nĩjɛ] 'toque de despedida do orixá'

13. [s] consoante fricativa alveolar surda:

- (61) [po'sũ] 'nome da orixá Jemanjá na nação Jeje-Mahi'
- (62) [aka'sa] 'comida para os orixás'
- (63) [be'sẽj] 'nome do orixá oxumaré na nação Jeje-Mahi'
- (64) [sida'gẽ] 'mulher responsável pelo padê (comida de Exu)'

14. [z] consoante fricativa alveolar sonora:

- (65) [azi'ri] 'nome da orixá Oxum na nação Jeje-Mahi'
- (66) ['zẽbi] 'entidade suprema da nação angola'
- (67) [zũ'bi] 'último rei da república democrática de Palmares'
- (68) [kẽzu'a] 'mesmo que candomblé'
- (69) [gẽ'za] 'instrumento musical'

15. [m] consoante nasal bilabial:

- (70) [omo'lu] 'orixá das doenças infectocontagiosas'
- (71) [ama'la] 'comida do orixá Xangô'
- (72) [mulu'kũ] 'iguaria que se oferece à orixá Oxum'
- (73) [o'mi] 'água'

16. [n] consoante nasal alveolar:

- (74) [nẽ'nẽ] 'orixá dos pântanos'

17. [r] consoante vibrante alveolar:

- (75) [o'kea'ro] 'saudação ao orixá Oxóssi'
 (76) [karu'ru] 'comida oferecida à orixá Iansã'
 (77) [o'ri] 'cabeça'
 (78) [o'rūmi'la] 'ancestral da criação'

18. [l] consoante lateral alveolar:

- (79) [jalo'de] 'termo de tratamento dado às iabás – orixás femininos'
 (80) [omo'lu] 'orixá das doenças infectocontagiosas'
 (81) [orūmi'la] 'ancestral da criação'
 (82) [ke'le] 'colar ajustado ao pescoço do iniciado, representando a aliança entre ele e o orixá'

19. [h] consoante fricativa glotal:

- (83) [ahū'tɔ] 'bode ou cabra'
 (84) [hō'kɔ] 'quarto onde são recolhidos aqueles que serão iniciados nas práticas ritualísticas do candomblé'
 (85) [ahe'batʃi] 'abertura rítmica das cerimônias públicas dos candomblés – convocação para o início do ritual'

4.2.2 Distribuição dos fones vocálicos

1. [i] vogal anterior alta fechada:

- (86) [iʒe'ʃa] 'um toque de atabaque para os orixás Oxalá e Oxum'

2. [ɪ] vogal anterior alta aberta:

- (87) [ahe'batʃɪ] 'abertura rítmica das cerimônias públicas dos candomblés – convocação para o início do ritual público'

3. [u] vogal posterior alta:

- (88) [e'ʃu] 'orixá mensageiro dos outros orixás'

4. [e] vogal anterior média fechada:

- (89) [ka'okabe'sile] 'saudação ao orixá Xangô'

5. [ɛ] vogal anterior média aberta:
(90) [odʒi'dɛ] 'papagaio'
6. [o] vogal posterior média fechada:
(91) [odʒi'dɛ] 'papagaio'
7. [ɔ] vogal posterior média aberta:
(92) [ʒũ'tɔ] 'nome do segundo orixá de cada pessoa'
8. [ɐ] vogal central média aberta:
(93) ['kureɐ] 'cortes feitos no ritual de iniciação de um adepto do candomblé'
9. [a] vogal central média fechada:
(94) [a'de] 'acessório da orixá Oxum'
10. [ũ] vogal posterior alta fechada nasalizada
(95) [ʒũ'tɔ] 'nome do segundo orixá de cada pessoa'
11. [õ] vogal posterior média fechada nasalizada
(96) [hõ'kɔ] 'quarto onde são recolhidos aqueles que serão iniciados nas práticas ritualísticas do candomblé'
12. [ẽ] vogal central baixa aberta nasalizada
(97) [sida'gẽ] 'mulher responsável pelo padê (comida de Exu)'

Tendo feita a distribuição dos fones, os seguintes fonemas consonantais e vocálicos foram identificados.

		Bilabial	Labiodental	Alveolar	Alveopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	Surda	p		t		ʃ	k	
	Sonora	b		d		ʒ	g	
Africada	Surda				tʃ			
	Sonora				dʒ			
Fricativa	Surda		f	s				h
	Sonora		v	z				
Nasal		m		n				
Vibrante				r				
Lateral				l				

Quadro 6: Fonemas Consonantais

		Anterior	Central	Posterior
Alta		i		u
Média	Alta	e		o
	Baixa	ɛ	ɐ	ɔ
Baixa			a	

Quadro 7: Fonemas vocálicos orais

		Anterior	Central	Posterior
Alta				ũ
Média	Alta			õ
	Baixa		ẽ	
Baixa				

Quadro 8: Fonemas vocálicos nasais

5 Considerações finais preliminares

A conclusão preliminar é de que os fones encontrados na língua-de-santo e na língua-da-gente-de-santo são semelhantes aos fones do português vernacular brasileiro (PVB), mais precisamente do português não-padrão falado na cidade de Rio Branco – AC. Dessa forma, a partir da análise de ocorrência dos fones feita, percebe-se que a língua-de-santo e a língua-da-gente-de-santo têm uma forte influência lexical de línguas africanas – e de línguas ameríndias também –, mas que sua organização fonológica é semelhante a do PVB. Portanto, essa interrelação entre o PVB, resquícios de línguas africanas e ameríndias, promoveu o desenvolvimento de uma “**convergência linguística**”. Segundo Kempf & Silva (2007), os termos **convergência** e **acomodação linguística** são usados como sinônimos pela maioria dos pesquisadores da área, embora se possa diferenciar os dois termos, dependendo da situação linguística analisada: a convergência linguística acontece quando “duas (ou mais) línguas em contato mudam, o que poderia levar ao surgimento de uma nova língua que seria uma espécie de ‘meio termo’...” e a acomodação “quando o contexto é de ‘língua dominante/língua dominada’”. Entendemos, para fim de análise e de diferenciação de fenômenos linguísticos – cujo processo de formação linguística se diferencia entre si – que o conceito de convergência linguística, explique, nem que seja preliminarmente, o que é o PVB e, consequentemente, a língua-da-gente-de-santo, pois como afirma Póvoas (...) “o terreiro de candomblé estabelece verdadeira interação linguística com a comunidade local”, o mesmo não se pode dizer da língua-de-santo que, como foi dito anteriormente por Pessoa de Castro (1968 e 1986), “a língua-de-santo tem uma terminologia religiosa operacional, de caráter mágico semântico e de aparente forma portuguesa, mas que repousa sobre sistemas lexicais de diferentes línguas africanas que provavelmente foram faladas no Brasil durante a escravidão, vindo a constituir uma língua ritual, mítica, que se acredita pertencer à nação do vodum, do orixá ou do inquice e não a determinada nação africana política atual língua ritual”.

Nesse sentido, a língua-de-santo não possui uma “estrutura linguística” usada no cotidiano, mas em situações ritualísticas específicas. Para explicar, preliminarmente, a constituição da língua-de-santo, pode-se afirmar que ela tenha surgido a partir do processo de “acomodação linguística” – onde a língua dominante (português) interfere na constituição de resquícios de línguas, dentre elas as africanas, e fixou, em contexto religioso, o que se chama atualmente de língua-de-santo.

Considerando que a hipótese acima é preliminar, serão analisadas um número maior de canções, rezas e itens lexicais para se confirmar as características fonético-fonológicas da ‘língua-de-santo’ e da ‘língua-da-gente-de-santo’ e outras estruturas linguísticas no campo da morfologia e sintaxe.

Referências

BURKE, P. 1995. *A Arte da Conversação*. Tradução de Álvaro Luiz Hattner. São Paulo: Edunesp.

CÂMARA JR, J. M. 2008. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 41^a ed. Petrópolis: Vozes.

CÂMARA JR, J. M. 1975. *História da Linguística*. Petrópolis: Vozes.

CHOMSKY, N. 1972. *Linguística Cartesiana: um capítulo da história do pensamento racionalista*. Tradução de Francisco M. Guimarães. Petrópolis: Vozes.

BURKE, P. *A Arte da Conversação*. Tradução de Álvaro Luiz Hattner. São Paulo: Edunesp, 1995.

BORTONI-RICARDO, S. M. 2011. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. Tradução de Stella Maris Bortoni-Ricardo e Maria do Rosário Rocha Caxangá. São Paulo: Parábola.

CRISTÓFARO-SILVA, T. C. 2007. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 9^a ed., São Paulo: Contexto.

KEMPF, B. C. & SILVA, O. M. 2007. *Os critérios e a metodologia sociolinguística no levantamento e na análise da contribuição das línguas africanas às variedades do português vernacular brasileiro*. Trabalho apresentado no I Workshop Internacional sobre a Procedência Poliétnica dos Afroiberoamericanos de Origem Bantu: evidências etmológicas e históricas. Porto Velho, UNIR.

PESSOA DE CASTRO, Y. 1968a. *A sobrevivência das línguas africanas no Brasil: sua influência na linguagem popular da Bahia*, Disponível no site: www.afrasia.ufba.br/pdf/afrasia_n4_5_p25.pdf. Acesso no dia 25/11/2011.

PESSOA DE CASTRO, Y. 1977. *Culturas africanas nas Américas: um esboço de pesquisa conjunta da localização dos empréstimos*. Comunicação apresentada no colóquio “Civilização Negra e Educação.

PESSOA DE CASTRO, Y. 1980. *A influência de línguas africanas no português brasileiro*. Disponível na internet.

PESSOA DE CASTRO, Y. 1983. *Das línguas africanas ao português brasileiro*. Afro-Asia, 14.

PETTER, M. M. T. *Uma hipótese explicativa do contato entre o português e as línguas africanas*. *Papia (Brasília)*, v. 1, p. 9-19, 2008.

PETTER, M. M. T. *Termos de origem africana no léxico do português do Brasil*. Disponível na internet.

PIKE, K. L. (1947). *Phonemics: a technique for reducing languages to writing*. Ann Arbor, The University of Michigan Press.

WEINRICH, U. 1953. *Languages in contact*. New York: Linguistic Circle.

Recebido em: 20/08/2012

Aceito em: 22/10/2012
